

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”



Emancipação Socialista



@emancipacaosocialista

Nº 31

01/08 a 30/10/2024

R\$ 4

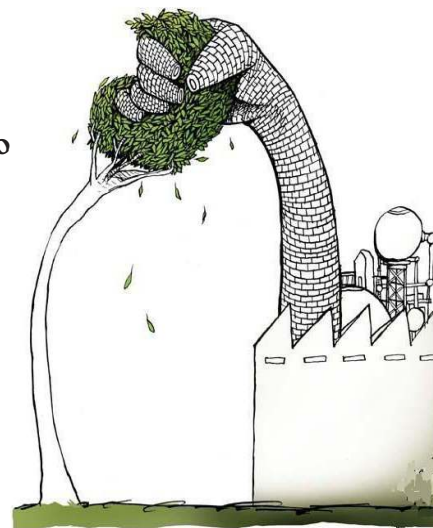
QUANDO OS DE BAIXO SE UNEM, OS DE CIMA CAEM



- 2 O Colapso ambiental e os comunistas
- 3 Edmilson (PSOL/PA) governa contra os trabalhadores
- 4 Uma candidatura socialista para denunciar o sistema
- 6 Um balanço da greve da Educação Federal
- 6 O PL da gravidez infantil ainda é uma ameaça
- 8 O genocídio segue em Gaza
- 10 Conservadores são derrotados no Reino Unido
- 9 O genocídio segue em Gaza

O COLAPSO AMBIENTAL E OS COMUNISTAS

RENATO CINCO



Política é programa, quando não temos o nosso programa, fazemos o programa dos outros. Quando nosso programa não está fortemente amparado na análise concreta da realidade é irrealizável e leva à derrota política. Dado o ineditismo do colapso ambiental e a ameaça existencial que ele representa é tarefa dos comunistas, à luz da tradição marxista, compreender o desafio e propor um programa político capaz de enfrentá-lo.

Para contribuir com este debate, mas longe de esgotá-lo, gostaria de trazer alguns pontos para a reflexão.

1- O capitalismo já nos instalou na Era das Catástrofes e já é impossível evitar que o mundo torne-se mais hostil à vida humana. Tudo o que assistimos pelo mundo desde meados de 2023, que no Brasil se manifestou principalmente na grande seca na Região Norte, na tragédia do Rio Grande do Sul, nas ondas de calor e nos incêndios florestais, ocorreu com a temperatura do planeta aquecido em média 1,5° C em relação ao período pré-industrial.

E sabemos que isso é apenas o começo, pois já está encomendado um aquecimento superior a 2°C e com esta marca sendo atingida por volta de meados da década de 30. Para evitarmos o aquecimento de 2°C deveríamos ter limitado os gases de efeito estufa na atmosfera a 405 partículas por milhão (ppm), mas encerramos 2023 com 421 ppm. Para voltarmos a uma zona segura precisamos retornar a no máximo 350 ppm.

2- Vivemos o colapso das condições ambientais de reprodução do modo de produção capitalista que não pode ser superada sem a superação do próprio capitalismo. A razão de ser da produção

capitalista é a obtenção do lucro através da produção de mercadorias e da exploração da mais-valia da classe trabalhadora. A natureza do capitalismo é necessariamente expansiva, o lucro só é possível se houver crescimento permanente da economia.

Para superarmos o colapso ambiental em curso precisamos que as decisões sobre a alocação das forças produtivas sejam tomadas em função da redução das desigualdades e do enfrentamento ao colapso. Ou seja, contrariando estruturalmente a razão de ser e a natureza do capitalismo.

3- Portanto, considerando que vivemos o colapso das condições ambientais de reprodução do modo de produção capitalista, considerando que a manutenção da taxa de lucro do capital exige cada vez mais, e não menos, exploração da força de trabalho e da natureza, considerando que aparentemente não há no horizonte a expectativa de superação do capitalismo, podemos concluir que, mantidas as tendências atuais, seguiremos avançando em direção ao colapso ambiental até o limite da capacidade de funcionamento da economia de mercado e dos Estados nacionais, ameaçando a sobrevivência da humanidade e de inúmeras outras espécies.

Vivemos um momento dramático e a classe trabalhadora precisa entrar em campo com seu próprio programa e auto-organização para alterar as tendências atuais. A superação do capitalismo deixou de ser um programa para a emancipação da humanidade e tornou-se um programa para a sobrevivência desta e de inúmeras outras espécies.

O capital tem o seu programa para o colapso ambiental e ele passa fundamentalmente pela criação

da ilusão de que é possível um capitalismo verde, de criação de oportunidades de negócios gerados pelos desastres e na financeirização de ativos ambientais, como o mercado de carbono.

Cabe aos comunistas contrapor o programa do capital ao nosso próprio programa. O colapso ambiental é fruto de uma convergência de crises ambientais e precisa ser respondido no seu amplo espectro: zerar as emissões dos gases de efeito estufa e retirar carbono da atmosfera; parar o desmatamento e reflorestar; desobstruir os rios e despoluir as águas, incluindo os oceanos; destruir o agronegócio globalizado e investir na produção agroecológica local; abolir a obsolescência programada etc.

Limitados pelo pensamento reformista, as correntes hegemônicas da esquerda brasileira são incapazes de aceitar a necessidade de superação do capitalismo e refugiam-se numa espécie de negacionismo sutil. Não negam o colapso ambiental, mas preferem chamar de 'crise'. Não negam a responsabilidade do capitalismo na produção do colapso, mas se apegam à ideia de que é possível reformar e adaptar o capitalismo às demandas impostas pela natureza.

Para superar o colapso ambiental precisamos superar o capitalismo e, para tanto, precisaremos superar também a hegemonia reformista que domina a esquerda no Brasil e no mundo.

BELÉM (PA): COMO O PREFEITO EDMILSON (PSOL) ATUA CONTRA OS TRABALHADORES

Karl Kautsky foi um dos fundadores da ideologia social-democrata (no século XIX socialistas e comunistas se consideravam assim) e uma figura importantes da história do marxismo. E após a morte de Engels, se tornou um dos mais influentes teóricos do socialismo.

No entanto, no cenário da 1ª Guerra Mundial, pelo seu apoio à entrada da Alemanha no conflito, suas posições crescentemente reformistas e antirrevolucionárias, foi descrito como um “renegado” por Lênin no famoso “A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky”, de 1918. Refletia concepções políticas que demonstravam a falência da II Internacional naquele momento.

Mas, qual é a relação desse episódio com a prefeitura atual de Belém (PA)? Longe de compararmos trajetórias de lideranças da esquerda que merecem a pecha de ‘renegados’, apenas destacamos esse exemplo e suas práticas na gestão municipal.

Edmilson Rodrigues é o atual prefeito de Belém, renegado por boa parte da esquerda e da população, seu currículo político inclui mandatos desde 1980 de Deputado Estadual, Federal e Prefeito, sendo filiado inicialmente ao PT e desde o

início deste século ao PSOL.

No levantamento do Instituto Paraná Pesquisas, em março, 76% dos belenenses desaprovam sua 3ª gestão municipal e cerca de 56% não votaria para a reeleição.

Naturalmente, não devemos nos basear apenas em pesquisas para avaliar uma gestão ou qualquer evento político, mas chama atenção que a prefeitura tem sido longamente pautada por parte dos militantes do PSOL, indignados e estupefatos pelas práticas patronais e autoritárias do prefeito ‘cabano’.

OPÇÃO DA GESTÃO PSOLISTA

A opção tem sido atacar os serviços públicos e a organização dos trabalhadores, o que embaraça até parte da militância do partido preocupada com os respingos nos processos eleitorais de todo o Brasil. Como parte da reação, a vereadora Sílvia Letícia (PSOL) apresentou a pré-candidatura e atua no sindicato de educadores municipais (SINTEP), por isso responde a um processo de expulsão do partido encaminhada ao Comitê de Ética.

Edmilson e a corrente política Primavera Socialista parecem se considerar acima da crítica e confirmaram seu nome para a reeleição. Uma administração de “Frente Ampla” inclui arrocho ao funcionalismo, acordos com o empresariado guloso pelos recursos públicos, prejuízo à população de baixa renda, etc.

Em abril, os servidores municipais fizeram uma greve por reajuste salarial digno

e valorização da categoria. A exigência, pasmem, era muito básica: o piso salarial do magistério e da enfermagem estabelecidos por lei federal e um salário-mínimo para os demais servidores.

TRUCULENTO E SEM DIÁLOGO

Além de não atender os servidores, não cumpriu promessas. Parece que a mesma granada de Paulo Guedes está no bolso dos trabalhadores de Belém e, pior, ao ser cobrado, chegou ao absurdo de chamar o povo que o elegeu de “fascistas ou bolsonaristas”, um argumento patético e desrespeitoso com os servidores.

A Saúde pública está um desastre com salários atrasados, greves de médicos e falta de insumos, no entanto, é seguida por parcerias gordas com as Organizações Sociais (OS) que pagam mal os profissionais, diminuem os atendimentos à população, buscam lucros com dinheiro público e transformam a Saúde em mercadoria.

Os ônibus seguem precários na capital paraense e a coleta de lixo segue como um problema histórico.

Em vez de diálogo e autocrítica, a gestão criminaliza quem luta. Na greve, a prefeitura fez um B.O. acusando os lutadores de depredação e “cárcere privado”. Ainda, pediu na justiça burguesa a reintegração de posse do prédio da Secretaria de Administração. Os manifestantes, na verdade, ocupavam o espaço pacificamente visando a negociação, mas foram retirados a força.



FRACASSADA FRENTE AMPLA

O fracassado Edmilson e a prefeitura de Frente Ampla (PT, PSOL, PCdoB, PV e PDT) agem assim diante de problemas sociais e sindicais. Esse péssimo exemplo não deve ser seguido por trabalhadores, “cabanos” e juventude pobre. O seu alto índice de rejeição se explica a partir dessas péssimas práticas e nas truculências espelhadas nas gestões tradicionais da burguesia. Não adianta criar agora

uma “personagem” durante a campanha para prefeitura.

A responsabilidade pela decadência da gestão não é de fascistas, ou Belém está tomada por hordas da extrema-direita nas ruas influenciando o ser, o viver e o dia a dia do povo da cidade que elegeu Lula nos dois turnos em 2022? Ao contrário do alardeado, as escolhas desde a Frente Ampla pavimentam a volta da direita/extrema-direita ao poder. Historicamente, temos essas insuficiências na luta da

dita esquerda ou centro que contribuem para vitórias dos reacionários mundo afora e para o retrocesso político.

Que o fracasso de Edmilson, do PSOL e da Frente Ampla seja mais um péssimo exemplo a não ser seguido. Os socialistas devem lutar por uma prefeitura dos trabalhadores que possa fazer as rupturas necessárias e governar com o povo mobilizado por suas reivindicações. Esta é a base para transformar as nossas cidades e derrotar a extrema-direita.

FERNANDO RUBANO: CANDIDATURA SOCIALISTA E DE LUTA NO RIO DE JANEIRO

Fernando Jorge Rubano Norões, 63 anos, iniciou sua militância na greve do Liceu de Artes e Ofícios, em 1982, o movimento mais expressivo de estudantes secundaristas do Rio de Janeiro.

Em 1984, participou ativamente da maior campanha política da história do Brasil, as “Diretas Já!”, que ajudou a pôr fim aos vinte anos de ditadura militar. Ajudou a formar o Comitê pró-Diretas no colégio México e esteve com demais estudantes no histórico comício de 1 milhão de pessoas na praça da Candelária. Foi detido pelas forças de repressão em protesto estudantil no Colégio Visconde de Mauá, em Marechal Hermes, contra a truculência da direção da escola.

Em seguida, foi como apoio estudantil à chapa dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, que derrubou os pelegos do sindicato.

Como trabalhador da área de seguros fez parte da greve dos securitários em 1987 e disputou a direção do sindicato contra os pelegos da categoria. Ajudou na construção das grandes greves bancárias dos anos 80. Fernando



ainda participou da maior Greve Geral da história do país, de 14 e 15 de março de 1989, quando 35 milhões de trabalhadores paralisaram.

Em 1992, participou da campanha pelo “Fora, Collor!”. Em 2000, se integrou a uma série de atividades culturais, passou a ser um dos coordenadores do Centro Cultural Octávio Brandão em Maria da Graça (RJ), um dos articuladores do Bloco do Rabugento na Vila da Penha e atuou como ator, em duas apresentações elogiadas, no teatro Carlos Gomes lotado, na peça “The show must go on” (“O show tem que continuar”).

Membro do Comitê de

Solidariedade ao Povo Palestino e integrante da organização política Emancipação Socialista (parte do Movimento por uma Frente Socialista e Revolucionária), Fernando conjuga na sua militância o apoio às lutas internacionais e nacional dos trabalhadores, a defesa da Educação pública e da cultura popular, na perspectiva de uma sociedade socialista e sem patrões, governada pelos trabalhadores e explorados.

PROGRAMA POLÍTICO DA EMANCIPAÇÃO SOCIALISTA PARA AS ELEIÇÕES NO RJ

Através de uma cessão democrática do PSTU, Fernando Rubano é candidato a vereador no Rio de Janeiro. Nesse contexto, apresenta o programa da Emancipação Socialista para o Brasil e para a cidade do Rio de Janeiro, deixando a sua candidatura também disponível às propostas do Movimento da Frente Socialista e Revolucionária e aos lutadores anticapitalistas.

No entender da Emancipação Socialista e de Fernando Rubano, o sistema capitalista vive uma crise estrutural. Somente esse quadro explica a atual guerra

Interimperialista que envolve a Ucrânia (com OTAN, chefiada pelos EUA) contra a Rússia, apoiada pelo capitalismo chinês. E explica o genocida do Estado sionista de Israel contra o povo palestino, na Faixa de Gaza, matando mais de 38 mil pessoas.

ENFRENTAR A EXTREMA-DIREITA

Essa crise estrutural do sistema capitalista mundial motiva o crescimento da extrema-direita em vários países. A resposta dos trabalhadores e dos explorados tem existido como mostram as greves dos trabalhadores norte-americanos; as greves gerais dos trabalhadores argentinos e franceses; a derrota do golpe na Bolívia, a resistência do povo palestino, a greve da SAMSUNG na Coreia do Sul etc.

No Brasil não tem sido diferente. Depois de 4 anos do governo de extrema-direita (Bolsonaro) e suas consequências trágicas como as 700 mil mortes decorrentes da COVID-19, os 2 anos do governo Lula-Alckmin não alteraram a política de submissão aos banqueiros e ao pagamento da dívida pública. Mais da metade do Orçamento do país está comprometido com o pagamento dos altos juros às instituições financeiras. Essa dívida nenhum trabalhador criou e nem viu a cor de qualquer centavo, mas é obrigado a pagar, religiosamente, com o seu sacrifício e o da sua família.

O governo Lula-Alckmin promete um novo Arcabouço Fiscal que, na prática, serve para retirar mais verbas da Saúde e Educação públicas, transportes público, saneamento básico, construção de casas populares, assentamento de sem-terra e de proteção do meio ambiente. Retira também recursos públicos

dos programas de proteção à população LGBT+, às mulheres e de ação afirmativa para negros, quilombolas e indígenas.

Contra esses ataques, os trabalhadores, os explorados e oprimidos também reagem como foi o caso da recente greve dos servidores, professores e estudantes da Educação federal; na luta dos metalúrgicos da Renault no Paraná, da Gerdau em Minas Gerais, na paralisação dos funcionários de órgãos do meio ambiente de 11 Estados etc.

No Rio de Janeiro esses ataques não são diferentes, inclusive contra a juventude pobre. O governo bolsonarista Cláudio Castro e a prefeitura com Eduardo Paes (apoiado por Lula) também têm sido subservientes aos banqueiros nacionais e internacionais e ao pagamento da dívida pública. O resultado disso é que as escolas e hospitais públicos encontram-se em situações precárias, com carência de professores e de profissionais da Saúde municipal, que também se encontram em situação de grande arrocho salarial. O rombo no PREVI-RIO (Fundo de Previdência dos Funcionários municipais) é de R\$ 35 bilhões. Mais de 7 mil pessoas estão em situação de rua e há mais de 110 mil moradias precárias. Esse quadro de barbárie social faz crescer o poder paralelo das milícias e do tráfico de drogas.

FRENTE A ESSE QUADRO DE BARBÁRIE SOCIAL, PROPOMOS:

Uma prefeitura socialista, apoiada na luta dos trabalhadores, oprimidos e explorados, sustentada por conselhos populares, com a suspensão do pagamento da dívida do Município e a devida



Uma candidatura a serviço das lutas

auditoria, apoiada nos sindicatos e organizações de classe. Não aceitamos pagar a conta da crise:

a) Que o dinheiro desviado para os banqueiros seja destinado para a Saúde, Educação, cultura e transportes públicos, casas populares, salários dos professores e funcionários municipais, concursos, recuperação do PREVI-RIO etc;

b) Que esse o dinheiro também seja destinado às políticas públicas contra o racismo, contra a misoginia, contra as opressões de gênero, para a defesa dos direitos das mulheres e contra todas as formas de violência, para a proteção social dos 7 mil indígenas na cidade (quarta maior população indígena urbana do país).

No âmbito internacional e nacional, defendemos:

a) O povo Palestino contra o genocídio e contra o Sionismo;

b) Fim do Arcabouço Fiscal e da política de conciliação de classes do governo de Frente Ampla Lula-Alckmin;

c) As lutas da classe trabalhadora da cidade e do campo;

d) Suspensão e Auditoria da dívida pública da União com os banqueiros nacionais e internacionais!

e) Somente a luta muda a vida!

UM BALANÇO DA GREVE DA EDUCAÇÃO FEDERAL E O PAPEL DAS DIREÇÕES

Depois da greve que abrangeu toda a Educação Federal é essencial fazermos um balanço de nossa luta para refletir sobre suas conquistas, limites, como será a continuidade da luta e quais problemas políticos precisamos superar.



nível E como referência além do fim da correlação indireta! E finalmente o compromisso em relação à implementação da RSC. A revogação da portaria 983 para docentes representou impediu o aumento da sobrecarga de trabalho docente que já está no limite há algum tempo!

FOI O MOMENTO CERTO PARA A GREVE?

Um dos questionamentos feitos foi sobre o momento de nossa greve, pois uma parte dos ativistas afirmava que essa luta poderia fragilizar um governo eleito a partir da derrota da extrema direita, um governo que seria de “esquerda”. De fato, seria mais difícil organizar a luta em um governo que tenta usar a intimidação e as práticas da extrema-direita sobre a organização de trabalhadores, mas este governo, Lula 3, desde o início não escondeu para quem governa, com quem é seu compromisso: com a fração dominante da burguesia, algo que ficou evidente no esforço para aprovar a arcabouço fiscal, o “teto de gastos” atualizado, garantindo a sangria dos recursos públicos para o capital rentista parasitário.

E, ao contrário do que uma parte de dirigentes e militantes disseram, a nossa greve não fortalece a extrema direita, pois somente a classe trabalhadora e suas formas de organização combativas podem combater e impedir a ascensão e o retorno de tendências reacionárias e fascista. Portanto, quanto mais recuamos em nossa luta e organização mais

fragilizamos nossa capacidade de combater a extrema direita.

VITÓRIA OU DERROTA?

O acordo assinado foi rebaixado. Começamos pela recomposição salarial. Frente as perdas dos TAE's de 53,05% acumuladas nos últimos dez anos teremos um reajuste de pouco mais 14% e para docentes não chega a 13% frente, enquanto que as perdas somam 39,82%. Tais reposições serão feitas de forma parcelada em 2025 e 2026, enquanto que em 2024 permanece o reajuste zero.

Os reajustes nos auxílios excluem os aposentados. Os técnicos conquistaram uma pequena mudança no plano de carreira (o chamado “STEP”, que possibilita a progressão a cada 12 meses), mas esse acordo condiciona que as categorias não devem entrar em greve por reivindicação salarial novamente até o fim do governo.

Apesar deste quadro limitado é importante reconhecer importantes concessões arrancadas do governo. Redução do interstício e a possibilidade de chegar ao teto da carreira em 15 anos e não 22 como vigora atualmente. O estabelecimento do

MAS E A RECOMPOSIÇÃO ORÇAMENTÁRIA?

Os recursos “liberados” se resumem a pouco mais do que repor a inflação referente ao orçamento do ano anterior. Esse valores, 750 milhões representam apenas um quinto do valor mínimo reivindicado por entidade como Conif e Andifes para funcionar no ano de 2024!

PODERÍAMOS TER AVANÇADO MAIS NA PAUTA DE REIVINDICAÇÕES?

Essa foi uma das maiores greves da rede federal de ensino em termos de adesão, então porque não conseguimos ter mais vitórias em nossa pauta? Este é um dos pontos que merecem ainda serem discutidos junto a categoria. A fortalecimento da greve pelo número crescente de adesões foi importante, mas faltaram mobilizações de rua de forma muito evidente. Seria correta que o crescimento da greve estaria ligado apenas ao quantitativo de novas bases que aderiram à greve? De forma contraditória, a adesão massiva não correspondeu a uma presença na rua correspondente e, ao mesmo tempo, houve limites na unificação das lutas.

O setor da educação entrou na greve com significativo intervalo. O início da greve da Fasubra e do Andes teve um intervalo de um mês entre ambas. A constituição dos comandos regionais foi frágil e a greve de outros setores se desencadearam em momentos diferentes. Sem dúvida as direções sindicais majoritárias não fizeram nenhum esforço relevante para unificar as lutas.

Também não investimos no diálogo com o conjunto da classe trabalhadora sobre o que estávamos enfrentando: o próprio arcabouço fiscal!

ERRAMOS NA CARACTERIZAÇÃO DO GOVERNO LULA?

Havia uma certa expectativa em relação ao governo Lula, frente ao compromisso de reconstruir o que foi destruído por Temer e Bolsonaro e a própria deflagração da Greve já demonstrava a falácia desta promessa, mas ainda assim predominava a ideia de que não interessava ao governo um desgaste com uma de suas principais bases de apoio. A partir disso a resistência do governo em efetivamente negociar era vista como erro ou incompetência. Interpretação equivocada, pois mesmo em antes de tomar posse em 2003 no primeiro mandato, Lula na carta aos brasileiros comprometia-se a cumprir os contratos, ou seja, garantir o pagamento do serviço da dívida. Naquele período o crescimento econômico permitiu que algumas migalhas a mais caíssem para os serviços e servidores públicos, mas agora - pós crise de 2008 - não sobra mais e o governo se comprometeu frente ao grande capital impedir o fortalecimento de um sindicalismo combativo



a independente que pudesse questionar o arcabouço fiscal. Por isso atacou publicamente a greve e novamente usou sua entidade chapa branca, a Proifes. Usou o aparato da justiça burguesa para atacar e inviabilizar a greve dos servidores do Meio Ambiente, questionando na prática o próprio direito de greve. Além disso, está privatizando a gestão de Hospitais federais.

QUAL FOI O PAPEL DAS DIREÇÕES SINDICAIS?

As direções majoritárias tiveram papel importante para impedir que a greve explorasse todas as suas possibilidades. Desde o ano passado ainda durante as negociações da campanha salarial 2023 dificultaram qualquer mobilização que incorporasse efetivamente as bases, pedindo que servidores tivessem “paciência” como o governo. Frente as contradições e a condição de arrocho salarial a inevitável e necessária greve foi quase sempre conduzida de forma a evitar ao máximo o desgaste do governo Lula. Defenderam as propostas rebaixadíssimas do governo. Atuaram de uma forma geral muito mais como representantes do governo do que de uma categoria em Greve. Em alguns momentos as posições das direções foram recusadas pela base, mas efetivamente as bases não tiveram condições de superar os limites das direções

sindicais, seja ausência de uma vanguarda mais experiente, seja pela crença de que poderia se abrir uma avenida para a extrema-direita. Então nossa tarefa não é somente construir direções que se comprometam com a independência frente à Burguesia, suas instituições políticas e frente ao atual governo, mas organizarmos politicamente a categoria em torno destes princípios.

COMO SERÁ A CONTINUIDADE DA NOSSA LUTA?

Garantir o cumprimento do acordo de greve: Frente a um governo comprometido com o arrocho fiscal precisaremos estar mobilizados para que o acordo de greve seja cumprido e as reivindicações atendidas;

Lutar contra a reforma administrativa: Apesar de se colocar contra a Reforma Administrativa tal como esta na PEC 32, o governo não arquivou a mesma;

Luta pela garantia dos mínimos constitucionais de saúde e educação e denúncia do arcabouço fiscal. Isso significa também que mesmo que o acordo coloque um momentâneo limite em relação às reivindicações salariais, não podemos deixar de denunciar as perdas históricas que sofremos;

Luta contra a privatização da educação e contra as escolas cívico-militares;

Construir na base, nas eleições e congressos sindicais uma alternativa de classe independente do governo e das instituições políticas da burguesia. Precisamos nos comprometer em construir essa alternativa para além de nossa categoria, a partir da unificação das lutas de servidores públicos e de toda a classe trabalhadora.

PL DA GRAVIDEZ INFANTIL: AUMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES



O Projeto Lei (1904/94) representa a necessidade de manter a subordinação e dominação do corpo e da vida das mulheres da “classe que precisa trabalhar para viver” através do aumento da violência.

Busca, além de imposições do sistema jurídico, usar o corpo e a vida da mulher como meios de controle social, político e religioso no modo de produção capitalista sedento por retirada de direitos e aumento dos cortes das verbas públicas.

É uma das formas que os partidos de direita, de extrema-direita e seus partidários buscam para sustentar o avanço da exploração e da opressão com mais violência machista, sexista, racista e LGBTfóbica. Piorar ainda mais o Código Penal de 1940 (não pune o aborto em caso de estupro e nem para salvar a vida da gestante) é também um objetivo.

A tentativa anterior de impor esse retrocesso foi em 2017, quando esses setores tentaram aprovar o Projeto de Lei 181 do Estatuto do Nascituro que buscava acabar com Aborto Legal em casos de estupro (crime hediondo), anencefalia fetal e risco de morte da gestante. Buscavam dar continuidade à proposta de tornar crime hediondo a realização de aborto desde a fecundação.

Junto com isso, buscavam retirar do SUS (mesmo com método obsoleto) a obrigatoriedade do atendimento às mulheres em situação de aborto e a obrigatoriedade de as Instituições notificarem em até

violência sexual.

Em 2023, após muita mobilização, foi mantido o Aborto Legal. No entanto, Delegacias da Mulher, Disque 180, Casas Abrigo, métodos avançados (como assistolia fetal recomendado pela OMS) para a realização do Aborto Legal pelo SUS e medidas protetivas continuaram insuficientes para o número de casos de violências contra as mulheres.

PARTIDOS E IGREJAS REFORÇAM A VIOLÊNCIA

É fundamental reconhecermos esses setores que representam a defesa incondicional do sistema capitalista, são anticlasse trabalhadora, defendem o avanço da exploração, opressão, do machismo, racismo, LGBTfobia, do ódio aos movimentos populares, etc.

A extrema-direita como o Republicanos (do Tarcísio de SP), o Partido Liberal (de Bolsonaro e Silas Malafaia), Partido Progressista (de Arthur Lira), etc. e seus partidários (parte dos membros e membras das igrejas evangélicas e da igreja católica, fascistas, etc.) falam contra o Aborto Legal, não responsabilizam os homens, presenteam as condições dos estupradores e redobram a “culpa” sobre as mulheres da classe trabalhadora (que não sobrevivem de “dízimos” e não optam por sustentar pedófilos e fundamentalistas).

seja com um estuprador.

Buscam cortar ainda mais as verbas da Saúde para quem depende do SUS. Ao mesmo tempo, não buscam combater o aumento da violência sexual, doméstica, infantil e das demais, especialmente nas periferias e comunidades do país.

Equiparar o aborto ao crime de homicídio, impor pena de reclusão (de 06 a 20 anos de prisão) para a mulher em situação de violência e manter a pena para o estuprador (máximo de 15 anos), na prática, é o consentimento do aumento dessas várias formas de violências.

Por outro lado, o governo Lula com suas coligações e seus partidários mantêm o que já existe de insuficiente e de obsoleto com os cortes de verbas (Saúde e Educação) e não avançam em ações urgentes para a saúde da mulher, medidas protetivas, emprego, abrigos, moradia, em respostas imediatas contra esse Projeto de Lei (inclusive pelo aumento de pena para estupro), na imediata defesa dos direitos humanos e do ECA, na legalização e nas garantias do Aborto Seguro como medida de saúde pública e demonstram o abandono à classe trabalhadora.

Nada disso se choca com os interesses do sistema capitalista de fortalecer o patriarcado (com o homem ditando o tipo e o nível de violência contra a mulher e sem se

responsabilizar) e de aumentar a miséria para a maior parte da população explorada, oprimida e reprimida.

ABORTAMENTO INSEGURO, MORTE E ABANDONO

Conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, o ano de 2022 registrou o maior número de estupros (crime hediondo) da história, um ano antes das grandes mobilizações contra o Estatuto de Nascimento. A maioria das vítimas é criança.

Foram 74.930 vítimas. Dessas vítimas 61,4% têm entre 0 e 13 anos, 10,4% têm menos de 04 anos, 56% são meninas e negras. Na própria residência: 68,3% dos casos.

Nos últimos 10 anos, foram registrados 20 mil/ano casos de gravidez de meninas até 14



anos (SUS). Nesse mesmo período ocorreu o aumento de notificações de morte por aborto inseguro de mulheres cisgêneros (Agência Patrícia Galvão).

Em São Paulo, nesses primeiros meses de 2024, no governo de Tarcísio (Republicanos), foram

registrados cerca de 38 estupros por dia. Com isso, bate recorde esse tipo de violência contra a mulher no seu 1º ano de governo.

Precisamos destruir esse arcabouço de sustentação do sistema capitalista. A violência, o machismo, racismo e LGBTfobia contribuem para o avanço da exploração, da opressão e é anticlasse trabalhadora.

Pela vida das mulheres da classe trabalhadora! Pelo direito de decidir! Nem presa nem morta! Pela descriminalização e legalização do Aborto! Contra a violência e mortalidade Infantil! Pelo aumento de pena para estupro e para os que cometem as várias formas de violência contra as mulheres! Por um Congresso Nacional da classe trabalhadora!

GENOCÍDIO QUE NÃO CESSA...EM TEMPO REAL E AO VIVO!

Ainda que a mídia brasileira e mundial tenha rebaixado o genocídio em Gaza a uma notícia entre outras, as condições pelas quais passam 2.3 milhões de pessoas sitiadas, isoladas e bombardeadas, estão alcançando níveis cada vez mais horrorosos. Pessoas mortas e desaparecidas passam de 50 mil, 70% delas mulheres e crianças.

Em Gaza, 90% da infraestrutura está devastada, não tem mais nenhum hospital funcionando adequadamente. Mais de 30 crianças já morreram de fome e muitas outras de doenças causadas pela má nutrição, falta de água e de tratamentos médicos. E Israel continua a bombardear

hospitais, campos de refugiados, instalações culturais, igrejas, mesquitas. O nível de crueldade das forças de ocupação israelense chega ao ponto de bombardear a população palestina nas filas para receber as raras ajudas humanitárias que chegam à Gaza.

A população de Gaza foi submetida a um cerco absoluto, com corte de fornecimento de água, alimentos, remédios e outros itens indispensáveis à sobrevivência. Estados Unidos e Europa estão apoiando o genocídio. Esperar que eles tomem iniciativa enfrentando o governo israelense equivale



a condenar o povo palestino à morte.

Porém, em várias partes do mundo, houve um grande movimento de solidariedade à Palestina. Mobilizações massivas, protestos, bloqueios e acampamentos estudantis a nível global. Inclusive, numerosos sindicatos de estivadores em todo o mundo, como nos Estados Unidos, Espanha, Índia, França, Itália e Grécia se recusaram a carregar armas para Israel. Só a classe trabalhadora, através de boicotes e da paralisação da

produção, pode efetivamente fazer frente a este poder assassino. Alguns países já impuseram sanções contra Israel, como, Malásia, Turquia e Colômbia.

Já no início do genocídio, o Brasil como presidência do Conselho de Segurança da ONU mobilizou a sua diplomacia para tentar o impossível (um acordo mundial pelo cessar-fogo). Lula foi um dos primeiros Chefes de Estado a reconhecer que Israel estava (e está) cometendo um genocídio. E, apesar das pressões, não renegou.

A iniciativa sul-africana de acusar Israel de genocídio, frente à Corte Internacional de Justiça, teve também um importante papel. A decisão da Corte de que Israel, de fato, está cometendo um genocídio em Gaza tem pressionado muitos países a reduzir ou cortar a sua cumplicidade com o genocídio em curso.

O Tribunal Penal Internacional, a Assembleia Geral da ONU, o Conselho de Segurança, órgãos mais influentes

do mundo, têm exigido um cessar-fogo. Sem resultado. O esforço dos dos Estados Unidos e alguns países europeus em desautorizar o sistema das Nações Unidas e dos direitos humanos para proteger Israel está arriscando desacreditar de forma irreversível também a ONU e o direito internacional sob os escombros de Gaza.

Para contribuir para a paz e o fim dos crimes de genocídio e apartheid israelenses, o mundo tem que enfrentar o problema na sua raiz: depois da limpeza étnica incompleta que em 1948 fundou o estado de Israel, o projeto colonial israelense tem usado o apartheid como medida temporária para oprimir a população palestina.

Temos de construir uma estratégia comunista que aponte o dedo aos nossos opressores e lute pela destruição do Estado de Israel, porque é um Estado racial, baseado no supremacismo religioso, e pela expropriação da burguesia sionista e das burguesias árabes. Só assim será possível garantir o direito efetivo do povo

palestino à autodeterminação e pôr fim aos flagelos impostos pelo capitalismo à classe trabalhadora palestina.

Nos últimos meses, o Ministério de Defesa tem estreitado ainda mais as relações militares do Brasil com Israel. A Petrobras tem continuado a fornecer combustíveis que abastecem a máquina do genocídio israelense. O Tratado de Livre Comércio entre Israel e Brasil continua em vigor, apesar de a cláusula que decreta a exclusão dos produtos provenientes dos assentamentos ilegais israelenses do acordo e que foi a pré-condição para a ratificação do acordo, até hoje nunca ter sido aplicada.

Por que o Itamaraty tangencia seu papel e sua responsabilidade alegando que “escapa da sua área de atuação” e deixa que o Brasil esteja, nesses casos, ao lado do Estado genocida de Israel?

É preciso exigir que o Brasil rompa toda e qualquer relação com Israel!

REINO UNIDO: TRABALHISTAS TÊM VITÓRIA HISTÓRICA CONTRA OS CONSERVADORES E EXTREMA-DIREITA GANHA FORÇA

O Partido Trabalhista foi o grande vencedor das eleições no Reino Unido, conquistou 412 assentos no Parlamento. Em uma das maiores conquistas eleitorais, atraiu votos dos que romperam com o Partido Conservador.

A derrota do Partido Conservador foi acachapante, obteve apenas 121 cadeiras no parlamento. Nunca foi tão mal. Os piores resultados tinham sido em 1906 (156 cadeiras); em 1997 (165 cadeiras) na eleição de Tony Blair e em 1832 (175 cadeiras). Pelo

menos 12 ministros não foram eleitos em seus distritos, inclusive Liz Truss que havia sido Primeira-Ministra. Foi uma resposta aos 14 anos de muitos ataques dos governos conservadores contra a classe trabalhadora.

O Partido Liberal Democrata ocupou 72 cadeiras, ou seja, 64 cadeiras a mais. Um crescimento importante por ter atraído os eleitores de direita que não votaram nos Conservadores.

Outro fato importante dessas eleições foram os 14% de votos (cerca de quatro milhões de

votos) que o Partido Reformista, de extrema-direita, conseguiu. É liderado por Nigel Farage, tem posições racistas contra os imigrantes e é defensor de posições fascistas. Também defende privatizar a Saúde pública, revogar os direitos trabalhistas, acabar com as leis de igualdade salarial entre homens e mulheres e acabar com o salário-mínimo, isto é, tirar direitos dos trabalhadores e deixar o caminho livre para que os ricos fiquem mais ricos.

Do ponto de vista da Esquerda Progressista há importantes

resultados com a eleição de candidatos independentes como de Jeremy Corbyn (expulso do Partido Trabalhista) e de Shokat Adam contrário ao genocídio de Israel contra o povo palestino.

ELEIÇÃO QUE EXPRESSA CRISE E FALTA DE ALTERNATIVAS

Como vimos, o domínio do Partido Trabalhista foi bem amplo, no entanto, se comparamos em termos percentuais (dados abaixo), a diferença entre Trabalhistas e Conservadores não é tão grande como a quantidade de cadeiras conquistadas para o parlamento.

Mas, no Reino Unido o sistema eleitoral é bem diferente, os deputados são eleitos para a Câmara dos Comuns (Câmara dos Deputados no Brasil) pelo distrito que concorrem. São 650 distritos e de acordo com a população cada deputado representa um número similar de eleitores. Assim, nos países que formam o Reino Unido, a Inglaterra elege 533 deputados, Escócia 59, País de Gales 40 e Irlanda do Norte 18.

O candidato que obtiver mais votos representa o distrito. O partido que tiver maioria (326 deputados eleitos) escolhe o Primeiro-Ministro e governa. Então, é um sistema que tem distorções na representatividade dos partidos no parlamento.

Observar o percentual e a quantidade de votos é importante porque expressa a real influência eleitoral. No caso do Partido

Trabalhista, por exemplo, com 9.731.363 (34%) conseguiu eleger 412 deputados. No entanto, os 40% dos votos das eleições de 2017, quase 13 milhões de votos, elegeram apenas 262 deputados. E nas eleições de 2019 com pouco mais de 10 milhões de votos elegeu 202 deputados.

Isso significa que, mesmo vitoriosos, os trabalhistas tiveram uma queda significativa em relação à eleição de 2019. E comparada com 2017, a queda foi ainda maior. Em ambas eleições o candidato do partido foi Jeremy Corbyn, que defendia propostas políticas mais progressivas.

Dessa forma, nos parece que os votos massivos para o Partido Trabalhista estão mais relacionados ao repúdio às políticas aplicadas pelos Conservadores nos últimos 14 anos, algo como "era o que tinha", um "mal menor".

Em relação a uma alternativa antissistêmica de fato, no Reino Unido também prevalece - por vários motivos- a ausência de um partido de massas com posições socialistas revolucionárias, deixando a classe trabalhadora, em cada eleição, à mercê de partidos que só divergem no modo de fazer as mesmas coisas.

PARTIDO TRABALHISTA ESTÁ COMPROMETIDO COM O CAPITAL

A esmagadora vitória do Partido Trabalhista no Reino Unido foi saudada pela mídia como da esquerda. Mas, entendemos que pelo projeto político desse partido, não é bem assim. Mais do que gestor do Estado capitalista, quando no governo, foi responsável por aplicar pesados ajustes econômicos contra os trabalhadores.

Como em outros países, os partidos que se dizem esquerda eleitoral se diferenciam

muito pouco da direita na forma de aplicar suas políticas. Com a crise do Estado de Bem-Estar Social na Inglaterra (serviços públicos de qualidade, maiores salários, etc.) o Partido Trabalhista cumpriu o papel de desmontar as conquistas sociais e de perseguir os imigrantes.

Nessa campanha eleitoral, Starmer reafirmou várias vezes o compromisso com os ricos e a continuidade do projeto político e econômico que o Partido Conservador estava aplicando. Após a vitória, já declarou que não haverá mudanças bruscas e buscou acalmar a burguesia, especialmente banqueiros, especuladores e construtoras. Logo em seguida, os principais empresários do país comemoraram e felicitaram a vitória eleitoral.

KEIR STARMER REPRESENTA A DIREITA DO PARTIDO TRABALHISTA

Starmer, primeiro-ministro, tratou logo de declarar que o "Novo partido Trabalhista" vai governar como "Novo Partido Trabalhista". Essa frase é uma referência às mudanças no interior do partido que era dirigido pela ala dita de esquerda de Jeremy Corbyn, candidato nas eleições de 2017 e 2019 com um programa progressista.

Starmer assumiu o controle do partido e impôs uma política de direita com a punição de várias lideranças, expulsão dos que defendiam o povo palestino, acusando de serem antissemitas. Até mesmo Jeremy Corbyn foi impedido de ser candidato pelo partido em seu distrito, obrigado a se candidatar como independente foi eleito derrotando o candidato apoiado pela direção do partido.

Sob a liderança de Starmer e da ala direita, o partido passou a adotar posições políticas como





a de apoio a Israel, inclusive, recusando condenar Netanyahu pelos ataques aos hospitais e escolas em Gaza.

Outra política, implementada pelos Conservadores, que o Partido Trabalhista dará sequência, é a da proibição do NHS (Serviço Nacional de Saúde, público) prescrever os chamados “bloqueadores de puberdade” (tratamento que atrasa ou suspende o início da puberdade, inibe a produção dos hormônios das mudanças físicas como seios, pelos, etc.) utilizado pela população transgênera para ressignificação sexual.

Esse partido também tem uma longa tradição de aliança com o imperialismo estadunidense. No governo Tony Blair, a Inglaterra apoiou e participou ativamente da invasão do Iraque e Afeganistão, operação que matou centenas de milhares de pessoas. E ainda podemos dizer que o apoio inglês aos sionistas no golpe de Estado na Palestina, em 1948 e na criação do Estado de Israel, foi sob um governo trabalhista.

Como se diz, um partido se mede pela suas ações.

SEM TOLERÂNCIA COM O NOVO GOVERNO TRABALHISTA

O giro à direita do Partido Trabalhista arrastou alguns dirigentes sindicais e muitos já pedem cooperação com o novo governo. Starmer não esconde de

ninguém suas intenções contra a classe trabalhadora.

Os 14 anos de governo conservador deixaram o lastro de perdas de direitos, achatamento salarial e redução de serviços públicos. Esse governo, no mínimo, deveria apresentar propostas de restauração desses direitos e de recomposição dos salários.

Em relação ao direito de greve, a exigência do movimento é para que o Partido Trabalhista revogue a Lei Sindical de 2016, que exige a participação de 50% dos trabalhadores nas votações de greve. Pelo tom do governo, será preciso muita luta para garantir a revogação total dessa lei.

Outra luta importante, tem atraído massas de pessoas na Inglaterra, é a defesa do povo palestino com a exigência de deixar de fornecer armas para Israel matar palestinos. A esquerda socialista inglesa tem defendido a necessidade de lutar contra o novo governo para que rompa com Israel, que se oponha à guerra, deixe de deportar imigrantes, revogue as leis racistas, para que aumente salários acima da inflação e benefícios, por mais empregos, por ações ambientais, financiamento integral do NHS (Sistema Nacional de Saúde), por moradias populares, pelos direitos das mulheres e da população LGBT+ e das várias formas de violência.

EXTREMA-DIREITA É UM PERIGO REAL

A extrema-direita é realidade em várias partes do mundo. A América Latina contou com Bolsonaro e hoje com Milei. Os Estados Unidos com Donald Trump. A Europa com os expressivos resultados eleitorais na França, Itália, Reino Unido, Espanha e Portugal. E em Israel

com o governo Netanyahu, um dos mais assassinos e apoiado por milhões de ultradireitistas.

Desde a II Guerra Mundial, é o momento que esse setor mais consegue apoio. Diante de uma crise social e econômico do capitalismo que joga milhões de pessoas para o desemprego, para o trabalho formal, reduz o salário e tira qualquer perspectiva de uma vida digna, muitas pessoas procuram respostas para entender como a situação chegou a esse ponto.

E a extrema-direita hoje, como Hitler e Mussolini no passado recente, se apoia nessa realidade social, econômica e cultural para dar explicações falsas para esses problemas. Culpa os imigrantes pelo desemprego e diz que os serviços públicos prejudicam parte da população. Dessa forma, consegue desviar o foco dos problemas e consegue apoio como vimos nas eleições francesas e do Reino Unido. Nos EUA com Trump e Kamala Harris o problema também se apresenta, não podemos crer que fazer aliança com “burgueses progressistas” deterá a extrema-direita. Só com a mobilização da classe trabalhadora e de forma independente a extrema-direita poderá ser contida.

O grande desafio da esquerda socialista é conseguirmos construir as lutas com a classe trabalhadora para rompermos essas barreiras, responsabilizarmos todos os setores da burguesia, desde a “direita tradicional” até a extrema-direita pela crise causada pelo sistema capitalista. Nesse sentido, nós da Emancipação Socialista reforçamos a necessidade de construirmos e ampliarmos a unidade da esquerda revolucionária para avançarmos nesse diálogo com a classe trabalhadora e nas lutas.